

LITERATURA, EDUCAÇÃO E MASCULINIDADE NO SÉCULO XIX: LEITURAS DA OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES

Matheus da **Cruz e Zica** – UFMG

Agência Financiadora: CAPES

1. INTRODUÇÃO OU *AFINAL, O QUE QUER UM HOMEM?*

Pensamos que esta inversão da célebre pergunta lançada por Freud, originalmente em relação às mulheres, seja oportuna para introduzirmos nossa abordagem das representações masculinas veiculadas na produção literária de Bernardo Guimarães¹. Oportuna por que ela por si só já aponta para o principal assunto o qual pretendemos trazer ao longo deste artigo.

Bernardo Guimarães é mais conhecido, no Brasil todo, pelos livros *O seminarista* (1872), *O Garimpeiro* (1872) e *A escrava Isaura* (1875). No entanto, ele é, também, autor de uma vasta literatura erótica e satírica, a qual, de um modo geral, é muito pouco conhecida pelos leitores de seus romances. No que se refere à literatura erótica, uma de suas produções mais importantes é o poema, *‘O Elixir do Pagé’* (1875). Nele o *eu lírico* abre a poesia lamentando a situação de seu pênis ‘murcho e cabisbaixo’ e acaba lembrando os ‘tempos gloriosos’² de seu ‘caralho’ que:

(...)
erguendo o teu vermelho cabeçalho,
faminto e arquejante,
dando em vão rabanadas pelo espaço,
pedias um cabaço!

Um cabaço! Que era este o único esforço,
única empresa digna de teus brios;
porque surradas conas e punhetas
são ilusões, são petas,
só dignas de caralhos doentios. (GUIMARÃES [1875], 1992, p.49-50)

Percebe-se, ao longo do poema, uma verdadeira obsessão pela virgindade. Mas esta predileção pela virgem (‘cabaço’), não quer dizer necessariamente exclusividade. Ao longo da poesia não é raro vermos no desejo do beneficiado pelo elixir contra a impotência sexual a vontade de proporcionar ao seu ‘caralho’ “novos combates e vitórias/e mil brilhantes glórias” (GUIMARÃES [1875], 1992, p.51), inclusive com estas metáforas bélicas:

Vinde, ó putas e donzelas,

¹ De acordo com as biografias mais tradicionais – CRUZ (1911) e MAGALHÃES (1926) – Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu em 1825 em Ouro Preto e, também nesta cidade, morreu em 1884. Bacharelou-se em Direito em São Paulo em 1852 quando publicou seu primeiro livro de poesias. Foi professor de Filologia e Língua Nacional em Ouro Preto de 1854 a 1858, jornalista na Corte de 1859 a 1861, juiz em Goiás de 1861 a 1863, e, a partir daí, professor de Retórica e Poética em Ouro Preto, Congonhas do Campo e Queluz de Minas. Nesta fase ele publicaria seus romances e só pararia de escrever em 1883, um ano antes de sua morte.

² Utilizo estes parênteses simples ‘ ’ para designar palavras utilizadas pelo autor em sua já referida poesia.

vinde abrir as vossas pernas
 ao meu tremendo marzapó,
 que todas, feias ou belas,
 com caralhadas eternas
 porei as cricas em trapo...
 Graças ao santo elixir
 que herdei do pajé bandalho,
 vai hoje ficar de pé
 o meu cansado caralho! (GUIMARÃES [1875], 1992, p.51)

Feias ou belas, putas ou donzelas, o caráter marcante no decorrer da leitura do ‘Elixir do Pajé’ é a preocupação exacerbada com a quantidade. Não parece ser gratuita a recorrência do número mil ao longo da poesia. Portanto, a hierarquia, definida pelo próprio eu lírico como o melhor sendo o ‘cabaço’ e o pior sendo ‘surradas conas’, parece valer apenas de forma secundária. Nos perguntamos, então, por que, afinal, querer tantas ‘fodas’? Qual é a motivação desta perseguição frenética? Na verdade, é a estrofe final desta poesia que nos permite esboçar algumas considerações a respeito destas questões, vejamos o trecho:

Sim, faze que este caralho,
 por tua santa influência,
 a todos vença em potência,
 e, com gloriosos abonos,
 seja logo proclamado
 vencedor de cem mil conos...
 E seja em todas as rodas
 d’hoje em diante respeitado
 como herói de cem mil fodas,
 por seus heróicos trabalhos,
 eleito – rei dos caralhos! (GUIMARÃES [1875], 1992, p.58)

Ora, o que se percebe, através desta voz masculina é que a partir de uma recorrente fala sobre as mulheres durante toda a poesia, em seu final breve há um ligeiro deslocamento deste foco para os homens. O que parece estar por detrás desta verdadeira perseguição ao sexo oposto, o que parece ser buscado de maneira incansável é a admiração dos outros homens. Considerando que este desejo masculino expresso na poesia citada não seja difícil de ser verificado na cultura do século XIX nos colocamos a seguinte questão para ser desenvolvida, ao longo deste artigo, a partir da produção literária do já referido autor mineiro: Por que a busca pela admiração dos outros homens é tão recorrente no mundo masculino do século XIX? Tentarei demonstrar também, nos limites deste texto, a forma pela qual Bernardo Guimarães descreveu/construiu a interiorização desta “preocupação masculina” nas representações que fez de jovens personagens.³

³ Este trabalho faz parte de um investimento maior de análise da obra de Bernardo Guimarães, dentro do qual já trabalhamos com a questão geracional e com as representações femininas.

2. MASCULINIDADE HEGEMÔNICA⁴ E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS MENINOS

Segundo BOURDIEU (1995, p.163), os “homens” são vítimas do privilégio de participar dos jogos de dominação. Vítimas por que não têm a opção de não participarem destes jogos e disputas que se prestam a organizar o poder e a hierarquização masculina (WELZER-LANG, 2004). Podemos ver indícios destas hierarquizações características da Masculinidade Hegemônica também no século XIX, testemunhado por Bernardo Guimarães através de suas histórias.

Pelo que percebemos, ao perseguirmos trajetórias de crescimento de personagens masculinos, esta pressão competitiva ocorria desde muito cedo de acordo com a ótica do escritor. Talvez seja exatamente esta a causa da recorrência dos problemas de indisciplina com os meninos também descritos em suas narrativas. Parecia ser um período onde dos meninos era cobrada uma posição, desde a infância, de autonomia e coragem como veremos a seguir⁵. E, não por acaso, como atestou FARIA FILHO (2004, p.91) a respeito dos personagens masculinos dos romances de Bernardo Guimarães, muitos deles (a maioria) foram representados como insubordinados na infância e que, por conta disso, estudaram pouco ou nada, numa época em que as escolas exigiam uma “obediência passiva” (‘Maurício’, p.38⁶). Podemos tomar como exemplo da cobrança desta postura o diálogo ocorrido entre Eduardo (jovem de aproximadamente vinte anos) e sua mãe, em ‘A Filha do Fazendeiro’:

- Arre também com isso, Eduardo! – disse-lhe ela um dia em tom de branda repreensão; - não mostrarás um dia que és homem? Já vou perdendo a fê contigo... (...)
- Ah! Minha mãe, não fale assim; por que motivo?...
- Porque pensei que eras gente, que tinhas coragem e juízo. Agora vejo que não passas de um maluco e um moleirão; que não tens timbre, nem disposição para nada. (...) tu meu fracalhão, andas aí todo embelezado e amuado como criança que apanhou bolos, tem que ter ânimo (...). (‘A Filha do Fazendeiro’, p.80-81)

A mãe o repreende desta maneira por supor que a tristeza que via em seu filho era por ter sido abandonado por sua amada, que se casara com outro. Mas o que queremos ressaltar nesta passagem é o que está relacionado à pergunta que perdura até hoje e que ainda é dirigida com frequência às crianças e aos jovens do sexo masculino: “não mostrarás que és homem?”. Afinal, como se mostra que é homem? De acordo com a mãe (que não é um

⁴ O contexto de Masculinidade Hegemônica é aquele em que “o desejo e a capacidade de cuidar desaparecem durante a socialização do homem em um mundo em que esse modelo hegemônico faz questão dele ter poder, autonomia, força, racionalidade e repressão das emoções; contexto em que está posta a necessidade dos homens de ‘provar e provar-se’ sexualmente, privada e publicamente, para confirmar sua própria identidade masculina, e definir-se como ‘não-maricas’”. Estas informações estão em um interessante artigo sobre o prejuízo, causado por esta moral exigente, para a saúde dos homens que vivem sob sua influência. Conferir: KORIN, 2001, p.70.

⁵ São os meninos que com frequência desafiam a autoridade do professor e são também eles, por isto, as maiores vítimas dos castigos escolares no século XIX: DALCIN (2006).

⁶ Preferimos utilizar esta forma de citar as obras para que não fique tão cansativa a repetição das datas destas obras. Para verificar a data da primeira edição e da utilizada por mim basta conferir no item FONTES, ao final do texto.

homem), esta condição tem a ver com ‘coragem’, ‘timbre’, ‘disposição’, ‘ânimo’, ‘juízo’ em oposição a ‘fracalhão’, ‘moleirão’, ‘embezerrado’, ‘amuado’, ‘criança’, ‘maluco’. Esta repreensão nos mostra tudo do que ‘um homem’ deveria se afastar e tudo do que ele deveria se aproximar durante a vida. Deveria ter coragem e timbre para não ser um fracalhão ou moleirão; disposição e ânimo para ser livre ao invés de ficar amuado e embezerrado; e também ter juízo para não ficar como criança ou maluco (associação esta muito interessante para ser explorada em alguma pesquisa futura). Os pólos dos quais ele tem de se afastar têm a ver com a falta de autoridade. As figuras do ‘fracalhão’, ‘moleirão’, ‘embezerrado’, ‘amuado’, ‘criança’ e do ‘maluco’ são as de quem não tem autoridade nem sobre si mesmo nem sobre os outros. É este, portanto, o medo incutido desde cedo em cada criança que nascia com um pênis, o de não possuir a qualidade que o identifica da forma mais acabada: o exercício da autoridade.

Vejam os um trecho da novela ‘Jupira’, em que aparecem cenas de infância masculina e feminina:

Jupira sem que ela soubesse, não andava sem uma sentinela à vista. Era um primo seu, um sobrinho de José Luís [pai de Jupira], por nome Carlos, e a quem todos chamavam Carlito, pouco mais velho do que ela, rapazinho vivo e esperto como um diabrete. Não tendo podido parar no seminário em razão de seu gênio trêfego, indócil e insubordinado, freqüentava como externo a escola de primeiras letras, onde se havia muito mal. Entretanto era excelente para servir de companheiro de brinquedos e ao mesmo tempo de sentinela a sua prima durante o dia, porque de noite dormia ela fechada debaixo de chave em companhia da velha caseira de José Luís. (‘Jupira’, p.147)

É necessário dizer que Jupira era tão ou mais indócil que seu primo, de acordo com a narrativa. No entanto esta insubordinação toma caminhos diferentes de acordo com o gênero das duas crianças. Carlitos além de não passar a ser vigiado, como foi feito com sua prima, passou mesmo à condição de quem exerce a autoridade de vigiar e a liberdade de olhar para tudo o que se passa.

Nesses casos, que seguem esta fórmula de um menino mais velho que acompanha uma menina mais nova (que se repete em muitas histórias de Bernardo Guimarães⁷), muitas vezes esta preocupação de vigiar vem atrelada à justificativa da proteção. Em ‘A Garganta do Inferno’, Lina também era acompanhada por seu primo mais velho, Daniel. Numa manhã Lina relata o sonho que teve à mãe. Sonhou que tinha entrado em uma caverna e que lá havia encontrado muito ouro e também uma serpente que a queria engolir. A mãe então lhe responde:

- Santa Maria Eterna!... que mal sonho, minha filha!... Reza à Nossa Senhora para que arrede esse mal agouro. Isso é tentação do diabo. Lembra-te de nossa mãe Eva; também procedeu de uma serpente.
- Mas, mamãe, quanto ouro!... oh!... se eu pilho aquele ouro todo!...
- Que havias de fazer?... não havia mais gente pobre neste mundo...
- Disso estou eu certa; em poucos dias tu serias a única pobre. Mas a respeito da serpente de fogo?...

⁷ Está presente em ‘A Voz do Pagé’, ‘Maurício’, ‘Rosaura, a enjeitada’ e ‘O Seminarista’.

- Ora!... essa o primo Daniel mataria com a espingarda. ('A Garganta do Inferno', p.153)

Ressaltamos nesta citação a naturalidade com que a menina evoca a figura do primo como alguém que está sempre pronto a protegê-la. Em contrapartida, era bem diferente o que se esperava dela segundo o narrador:

Conquanto tivesse toda a simplicidade e travessura de uma criança de nove anos, Lina era muito inteligente e hábil em toda a sorte de trabalhos próprios do seu sexo. Na agulha, no fuso, na roda ou no tear, nada tinha que invejar às mais mestras, e em todos os misteres da casa ajudava e supria perfeitamente a sua mãe. Enfim, era uma menina completa. ('A Garganta do Inferno', p.150)

Espera-se da menina, portanto, que ela continue o que foi/é sua mãe. Que fique em casa, ao invés de andar em qualquer lugar com uma espingarda para vigiar ou proteger alguém (função freqüentemente associada ao menino ou ao jovem do sexo masculino). Tanto é que o "único motivo por que sua mãe às vezes ralhava com ela era que por vezes gostava de passear sozinha entre os rochedos (...)" ('A Garganta do Inferno', p.150).

Mas além de lugares (Casa / Fora), de atividades (Caçar / Fiar) e de funções diferentes (Proteger / Cuidar) são também destinados às crianças e aos jovens, ao longo de seu crescimento, palavras e tratamentos diversificados de acordo com o gênero de cada um deles, de acordo com as representações produzidas por Bernardo Guimarães. Exemplos disso são as apresentações iniciais feitas a respeito das protagonistas da história 'O Garimpeiro'. Enquanto Lúcia é "formosa e interessante", Elias é "um bonito cavaleiro, um mocetão sacudido e muito bem parecido, um figurão" ('O Garimpeiro', p.11). Além da utilização do aumentativo para a designação do rapaz, há também qualidades diferentes em questão. Segundo esta mesma lógica o narrador diz que naquelas paragens onde se passa o romance "os homens são robustos, ativos e inteligentes e as moças são bem feitas, meigas e formosas" ('O Garimpeiro', p.10). Enquanto as mulheres devem ser bonitas e formosas para serem vistas, os homens são representados por características que os põem nas melhores condições de ver: com inteligência para perceber e robustez e atividade para seguir.

Um outro ponto de separação de gêneros pode ser evidenciado pelo pronome de tratamento direcionado aos jovens rapazes. Assim, através do pronome "Sr." os jovens do sexo masculino muitas vezes são aproximados do mundo adulto. Vejamos o diálogo de Joana e sua senhora, Lúcia:

- Estás enganada, Joana, estas vão ser muito boas. Aquele moço que aqui passou outro dia, não te lembrás? Aquele moço alto, de cabelo preto e anelado...
- Ah! Já sei... o Sr. Elias, aquele moço de Uberaba... ('O Garimpeiro', p.11)

É assim também que Lina iria falar com um moço um pouco mais velho que ela, na primeira vez em que o via, chamando-o de "senhor mancebo"⁸. Mais interessante ainda é ver que ele utilizaria como pronome de tratamento nesta conversa o termo "menina", quando se dirigia a

⁸ Esta forma de tratamento "Sr." para se referir aos jovens do sexo masculino é recorrente em todas as histórias de Bernardo Guimarães.

ela ('A Garganta do Inferno', p.161). Da mesma maneira o narrador irá descrever a moça Lúcia, em tom de elogio, aproximando-a da condição de menina:

Retirada na solidão da fazenda paterna, desde que saíra da escola, Lúcia crescera como o arbusto do deserto, desenvolvendo em plena liberdade todas as suas graças naturais, e conservando ao lado dos encantos da puberdade toda a singeleza e inocência da infância. ('O Garimpeiro', p.13-14)

Portanto os jovens do sexo masculino são como que “empurrados” para a faixa etária dos adultos e as do sexo feminino para a da infância nas representações construídas pelo autor. Salta aos olhos também a diferença entre as vestimentas. Enquanto Lina, na ocasião do encontro com o Moço (este não teve designação própria durante toda a história), está sem seus “chinelinhos e com roupas arregaçadas até os joelhos”, ele está com “gibão de veludo bordado de ouro, calções de seda, botas de couro polido, de cujos canos revirados pendiam borlas de ouro, e chapéu emplumado de penas de avestruz, arrimado a uma espingarda de caça” ('A Garganta do Inferno', p.160-161).

De forma semelhante é descrita a indumentária de Gonçalo: “de botas com grandes esporas de prata, chapéu à banda, chicote na mão e cigarro na boca”, além de “faca, garrucha e todo o trem bélico que trazia em si”; em oposição às senhoras daquela terra onde “os corpos dos vestidos não têm serventia alguma, e as mangas são verdadeiras mangas perdidas” que “elas os deixam cair sobre a saia em forma de aventais, ficando os seios a ondear livres e desafogados” ('O Ermitão de Muquém', p.40-41). Tais tipos de vestimentas masculinas sugerem uma preparação para o mundo de fora, com todas as adversidades que encerra⁹.

A juventude também marca diferenças no comportamento perante o público de acordo com cada gênero. Assim, se naqueles sertões descritos por Bernardo Guimarães, homens e mulheres montavam a cavalo, os sentidos investidos neste ato e as apreciações feitas a respeito dele variavam significativamente na medida em que fosse um rapaz ou uma moça. Enquanto Lúcia, “jovem e gentil cavaleira, que cavalgava com suma graça um lindo ginete branco”, e que ganhava comentários que ressaltavam a “graça e desembaraço com que governava o cavalo e seu porte garboso e senhoril”; Os rapazes “montados em lindos poldros ou em possantes mulas ajaezadas de prataria, as esporeavam pelas ruas, procurando fazer admirar as excelentes qualidades de suas cavalgaduras, e o seu desempenho e galhardia em dirigi-las” ('O Garimpeiro', p.15-16). Saltam aos olhos do leitor a vontade desses jovens de ostentar a agilidade e a habilidade para o controle. Controle este exercido a custa de esporeadas, de violência. Foi seguindo esta lógica que, durante a cavalhada, Elias “castigava rigorosamente” seu cavalo que o desobedecia, fato que o levou a ter “ímpetos de matar ali mesmo o cavalo a lançadas” ('O Garimpeiro', p.23).

É também com os cavalos que estes jovens rapazes dão provas de sua coragem de por em risco sua própria vida desempenhando difíceis tarefas em alta velocidade. Quanto maior a velocidade do cavalo, maior a dificuldade de quem cavalga em executar outros movimentos

⁹ Se vestem assim também Maurício ('Maurício'); Eduardo ('A Filha do Fazendeiro'); Conrado ('Rosaura, a enjeitada) e Elias ('O Garimpeiro').

que não sejam os destinados ao fim de se equilibrar no animal. Quanto maior a complexidade dos movimentos feitos nesta situação adversa maior o valor. É uma competição que promove os que se mostram o mais invulnerável possível. No caso das cavalhadas, eles têm a oportunidade também de exhibir, através de um simulacro, sua capacidade de ameaçar a vida de outros ao tornarem públicas suas habilidades com lanças, espadas e punhais. São inclusive aplaudidos por isto...

Chegou a hora da corrida de cabeças.

São cabeças de papelão colocadas sobre quatro postes nos cantos, e uma quinta no meio da arena. Os cavaleiros, volteando a arena a galope, cada um por sua vez tem de enfiá-las na ponta da espada; é este último passo o mais difícil, e em que poucos são felizes.

Elias, quando largou a lança, tinha nela enfiadas todas as quatro cabeças. Depois em vez de desembainhar a espada como os outros, viram-no abrir alguns botões da farda, tirar do seio um curto punhal, e dependurando-se dos arreios com a presteza e agilidade de um gaúcho, quase sumir-se debaixo do cavalo, e depois reaparecer com a cabeça cravada na ponta do punhal. Os aplausos e os foguetes retumbaram por todos os lados. ('O Garimpeiro', p.23)

Estas práticas são, na realidade, correlatas de discursos que naturalizam a prerrogativa de colocar-se em perigo como uma característica intrínseca ao masculino, como presente no comentário do narrador que, assustado, descrevia uma menina fazendo o que os homens temeriam:

Além do arroio, havia uma espécie de lapa, formada pela saliência de um enorme penedo que lhe servia de teto, e cujas paredes eram formadas por arbustos emaranhados, por uma rede impenetrável de cipós e trepadeiras. A entrada era pequena e a lapa escura e profunda. Qualquer homem teria medo de penetrar ali; mas, Lina ansiosa e anelante, dirigiu-se resolutamente para ela. ('A Garganta do Inferno', p.161)

Ou em discursos que naturalizam, através de um jogo antitético, a força física como atributo masculino e a fragilidade como feminino, conforme sugere este trecho: "Assim todo aquele ouro que robustos braços, com insano trabalho, gastaram anos a extrair das entranhas da terra, em duas ou três horas uma frágil moça sepultou-o outra vez no seio dela" ('A Garganta do Inferno', p.191).

O fato é que esses discursos e essas práticas culturais, saturados no cotidiano, vão produzindo dicotomias que marcam profundamente a subjetividade, vão produzindo sujeitos que se sentem compelidos a se distanciarem¹⁰. É após todo este processo de socialização que os jovens, bombardeados por mensagens e práticas prescritivas, irão se tornar adultos diferenciados pelo sexo. Segundo BOURDIEU (1995, p.156-157), o corpo adulto é uma fabricação política e ética e, por este motivo, "a educação fundamental é fundamentalmente política: ela tende a inculcar maneiras de portar o corpo (...) que estão prenhes de uma ética, de uma política, de uma cosmologia".

¹⁰ Parece ocorrer o mesmo nos dias hoje dentro das escolas conforme podemos ver em inúmeras pesquisas atuais. Podemos citar a título de exemplo: LOURO, 1997.

É assim que Lina e seu Moço, ao se amancebaram, reservam (e conservam) papéis bem distantes para um e outro. Em conversa com o companheiro, Lina queixava-se de saudades da mãe:

- Mas então, nunca mais devo vê-la?... por piedade, pelo nosso amor, deixa-me ir abraçá-la; não me demorarei muito; ela morrerá de saudade se não me enxergar mais.
 - Não te inquietes, minha querida; hás de ver tua mãe, eu te prometo; mas hás de vê-la de rosto erguido, e a fronte serena. Para esse fim é preciso legitimar o nosso amor, casando-nos; é isso o que pretendo fazer, minha adorada Lina.
- Um sorriso de inefável felicidade brilhou nos lábios da menina; sem dizer palavra atirou-se nos braços do mancebo, o cobriu de beijos e chorou de prazer. ('A Garganta do Inferno', p.162)

Este trecho é exemplar do lugar de autoridade que a moça reserva ao jovem que está se tornando homem quando ela pede permissão para sair. Continuemos o diálogo:

- Mas... disse Lina, passada aquela emoção, quando será isso? Porque não pode ser já?...
- Porque por ora meu pai não quer consentir; quer que me case com alguma rica e ilustre fidalga, como se eu não tivesse riqueza e fidalguia bastante para repartir com a escolhida de meu coração.
- Oh! como é bom para mim, exclamou Lina, apertando-o de novo nos braços; mas teu pai?... como te arranjarás com ele?... tenho medo que nunca queira consentir...
- Deixa por minha conta, menina; eu saberei vencê-lo; mas é preciso que tenhas paciência e esperes ainda. ('A Garganta do Inferno', p.163)

Mas se, como vimos acima, a filha permanece ligada à mãe, o filho terá literalmente de “vencer o pai”¹¹. Guerra que cabe ao noivo empreender, enquanto à noiva é reservada a incumbência de esperar e ter paciência. Afronta que tem por fim, se bem aventurada, fazer valer a autoridade, deste novo homem que está prestes a surgir, para escolher livremente o que quer e o que não quer.

3. MASCULINIDADE BÉLICA

A luta contra a vontade do pai parece ser, assim, uma prévia do que o mundo reserva para mais tarde ao jovem do sexo masculino do século XIX. Um mundo cheio de outros homens, desta vez adultos, sedentos por fazerem prevalecer suas próprias vontades sobre as dos outros. Portanto, desordenadamente e de forma muitas vezes velada, os jovens que passaram por tal processo de masculinização parecem ter sido compelidos, ao longo de seu crescimento, a desenvolverem preocupações que se distribuem em três direções que se entrecruzam permanentemente: com a coragem; com a liberdade; e sobretudo, enfim, com o exercício da autoridade.

No entanto, se os arranjos possíveis entre estas três direções podem ser vários, um deles parece se sobressair. E este arranjo, conforme veremos, convoca um quarto elemento que

¹¹ Sobre a questão do Pai na psicanálise cf. FREUD, 1980. Conferir também: LACAN, 2005.

também é crucial para a pauta de preocupações dessa masculinidade: Coragem evoca Ameaça; Ameaça convoca Respeito; Respeito concede Autoridade; Autoridade garante Liberdade. O quarto alvo da preocupação masculina no XIX tem a ver, portanto, com o respeito. Mas respeito de quem? E que ameaça é essa? Respeito dos outros homens que convivem no entorno de um determinado homem; dos que tiveram o mesmo tipo de criação; dos que aprenderam as regras do jogo e que foram estimulados desde cedo a jogá-lo¹². O que se disputa neste jogo é fazer prevalecer o exercício de sua vontade sobre a dos demais jogadores. Mas acontece que, como condição para participar neste jogo, o participante depende antes da autorização dos que já participam dele. E é aí que está a ameaça permanente. A qualquer momento os pares podem deixar de fora aquele que não cumprir os pré-requisitos que a maioria considera básicos. A ameaça constitui-se mesmo em um dos principais objetivos e em condição preliminar para se participar deste jogo: Ter o poder de tentar fazer com que o jogador adversário não seja ouvido, fazer com que ele, em última instância, não chegue sequer a participar do jogo. Vê-se, portanto, que a preocupação em alcançar, e depois em manter, o respeito dos demais participantes ergue-se como uma necessidade indispensável para cada jogador. Cada um passa a se sentir a todo o instante na obrigação de dar provas de que merece estar no páreo.

Talvez possamos ver melhor isto acompanhando o desenrolar de um conto de Bernardo Guimarães intitulado *A Dança dos Ossos*. À beira do fogo, no início da noite, alguns homens conversam às margens do rio Parnaíba. É uma roda exclusivamente masculina e este fato nos interessa bastante porque é neste meio apartado das mulheres que temos a oportunidade de surpreender, em pleno funcionamento, a lógica do jogo descrito acima. São nestas rodas que os homens se medem pelo olhar dos outros. Numa confusão entre os dias da semana, o velho Cyrino, que tomava a palavra para contar um caso, exclama:

- Sábado!... que me diz? E eu, na mente que hoje era sexta-feira!... oh! senhorinha! Eu tinha precisão de ir hoje ao campo buscar umas linhas que encomendei para meus anzóis, e não fui, porque esta minha gatinha de casa me disse que hoje era sexta-feira... e esta!... e hoje, com esta chuva, era dia de pegar muito peixe... Oh! senhorinha!... gritou o velho com mais força. A este grito apareceu, saindo de um casebre vizinho, uma menina de oito a dez anos, fusca e bronzeada, quase nua, bocejando e esfregando os olhos; mas que mostrava ser uma criaturinha esperta e viva como uma capivara.
 - Então, senhorinha, como é que tu vais-me dizer que hoje era sexta-feira?... ah! Cachorrinha! Deixa-te estar, que amanhã tu me pagas... então hoje que dia é?...
 - Eu também não sei, papai, foi a mamãe que me mandou que falasse que hoje era sexta...
 - É o que tua mãe sabe te ensinar; é a mentir!... deixa, que vocês outra vez não me enganam mais. Sai daqui: vai-te embora dormir, velhaquinha!
- Depois que a menina, assim enxotada, se retirou, lançando um olhar cobiçoso sobre umas espigas de milho verde que os caboclos estavam a assar, o velho continuou:
- Veja o que são artes de mulher! A minha velha é muito ciumenta, e inventa todos os modos de não me deixar dar um passo fora daqui. Agora não me resta um só anzol com linha, o ultimo lá se foi esta noite na boca de um dourado; e, por culpa dessa gente, não tenho maneiras de ir matar um peixe para meu amo almoçar amanhã!.. (*A Dança dos Ossos*, p.212-213)

¹² BOURDIEU (1995, p.163) chama atenção para a importância dos jogos na dimensão da socialização masculina. Ele os designa como *jogos de dominação*.

Podemos ver nos gritos do velho, em suas repreensões e em seus insultos dirigidos à filha (e em extensão à sua esposa) a exibição, aos olhos dos homens que ali estavam, de sua autoridade, de sua voz de mando, de sua posição de comando. Naquele momento ele dava uma mensagem velada aos outros homens de que ele tem gosto pela autoridade e que tem esta prerrogativa. Usando a filha ele mostra que tem capacidade de produzir submissão. Além disto, a passagem não deixa de elucidar a desimportância da infância naquele contexto, bem como a falta de cuidado masculino com as crianças, já que não seria dele a incumbência de cuidar, mas sim de repreender e proteger.

Também de forma bastante indireta, Cyrino mostra aos seus pares presentes que tem gosto pela liberdade, ao lamentar (num falso lamento) que sua mulher tente prendê-lo. Desta forma, se promove aos olhos dos outros homens afirmando sua disposição de contrariar a vontade de outrem, no caso a de sua velha que era a de mantê-lo perto de casa. Afirma, assim, a sua autonomia ao lançar a idéia de que, se não tivesse sido enganado, sairia¹³. Mesmo a contragosto de alguém que permanece ao seu lado e que, portanto, se submete a ele (fato que reforça sua posição de autoridade legítima perante os olhos e ouvidos dos presentes). É necessário comentar também que este trecho não deixa de revelar o estado de dependência mais elementar na qual se encontra esse tipo masculino para com a mulher.

Mas ele também sente necessidade de dar provas de sua coragem ao longo de sua narração. Embora tenha confessado que numa ocasião teve medo, revela também que sentiu vexame por tê-lo experimentado. E termina afirmando que o enfrentou, afinal.

Quando montei no meu burro para vir-me embora, já o sol estava baixinho; quando cheguei na mata, já estava escuro; fazia um luar manhoso, que ainda atrapalhava mais a vista da gente. (...) Meu coração deu uma pancada e a modo que estava me pedindo que não fosse adiante. Mas fiquei com vergonha de voltar. Pois um homem, já de idade como eu, que desde criança estou acostumado a varar por esses matos a toda hora do dia ou da noite, hei-de agora ter medo? De que? ('A Dança dos Ossos', p.217)

Ele também afirma aos seus ouvintes sua capacidade de dominar, ao evocar o episódio em que seu burro “estava a refugar e a passarilhar numa toada”, mas que, “a poder de esporas, sempre veio varando” ('A Dança dos Ossos', p.218). Também corrobora sua coragem ao afirmar, com orgulho, que tem intimidade com o álcool, uma vez que os homens muitas vezes também o utilizam como forma de hierarquização: é superior aquele que bebe mais, o que permanece em sanidade diante do excesso do álcool que vem justamente desafiar esta sanidade. Por isto ele diz ufano que “pode Vm. ficar certo de que, quando eu tomo um gole, aí é que minha vista fica mais limpa e o ouvido mais afiado” ('A Dança dos Ossos', p.218).

¹³ Aliás são as personagens masculinas que saem com frequência enquanto as femininas os esperam. Cyrino assim descreve a sua chegada em casa: *Quando a minha velha, de manhã cedo, foi abrir a porta, me encontrou no terreiro, estendido no chão, desacordado, e o burro selado perto de mim* ('A Dança dos Ossos', p.222). São os homens que viajam com frequência, são eles que se ausentam enquanto suas amantes os esperam: Moço que fazia repetidas ausências para Vila Rica ('A Garganta do Inferno'); Conrado que roda províncias negociando muares ('Rosaura, a enjeitada'); Eduardo que tem esta mesma profissão ('A Filha do Fazendeiro'); Elias que parte para o garimpo ('O Garimpeiro')... Foram inclusive estas viagens que fizeram com que o Moço ('A Garganta do Inferno') e Eduardo ('A Filha do Fazendeiro') encontrassem outras mulheres e desfizessem o compromisso com suas prometidas iniciais.

Essa demonstração de coragem, por outro lado, pode aparecer algumas vezes através da aproximação do homem ao mundo animal, por parte do narrador:

Joaquim Paulista tinha uma paixão louca pela Carolina; mas ela andava de amizade com um outro camarada, de nome Timóteo, que a tinha trazido de Goiás, ao qual queria muito bem. Vai um dia, não sei que diabo de dúvida tiveram os dois, que a Carolina se despartou do Timóteo e fugiu para a casa de uma amiga, aqui no campo. Joaquim Paulista, que há muito tempo bebia os ares por ela, achou que a ocasião era boa, e tais artes armou, tais agrados fez à rapariga, que tomou conta dela. Ah! Pobre rapaz!... se ele adivinhasse, nem nunca teria olhado para aquela rapariga. O Timóteo, quando soube do caso, urrou de raiva e de ciúme. ('A Dança dos Ossos', p.234)

Estes 'urros' de raiva, como fazem os animais, dados por homens nas situações mais diversas, estão presentes em quase todas as histórias de Bernardo Guimarães. Um urro que quer, a um só tempo, demonstrar força e espantar alguma possível ameaça. Ameaça que, no caso elucidado pelo excerto anterior, parece ter a ver com a provável perda da honra. É como se Timóteo tivesse perdido num jogo onde o objeto de disputa é uma mulher. Jogo onde a perda é humilhante na medida em que ela pode levar o derrotado a perder a admiração e a consideração dos outros homens, que têm o poder de vetar a sua participação nos jogos de dominação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisarmos trajetórias de personagens masculinas de alguns romances escritos no XIX acabamos por evidenciar que há na verdade um processo de masculinização, ao longo das vidas das personagens representadas, muito próximo de valores próprios do que podemos chamar de Masculinidade Hegemônica. Como prova disso podemos citar a desmedida ambição sexual presente na voz masculina do *eu-lírico* da poesia *O Elixir do Pagé* (1875), bem como o belicismo competitivo, estimulado e realizado junto ao processo de constituição da identidade masculina das personagens, valores estes extremamente valorizados em contextos de Masculinidade Hegemônica. Tais comportamentos são típicos de sujeitos masculinos que participam desta lógica interna que se sustenta em última instância na busca pela admiração dos pares partícipes desta mesma lógica.

Verificamos também que no mundo masculino do século XIX, captado pela ótica de Bernardo Guimarães, esta busca pela admiração dos outros homens está vinculada à questão da legitimidade para o exercício do poder. Alcança a legitimidade para o exercício do poder aquele que consegue criar a ilusão de dominar um símbolo que os demais valorizam. "Os bens simbólicos que as sociedades produzem não são ilimitados. Ora, a legitimidade do poder é um bem particularmente raro e asperamente disputado. Constitui, muito em especial, o objeto dos conflitos entre dominantes e dominados" (BACZKO, 1985, p.310). Logo, se considerarmos a valentia e a atividade sexual como símbolos valorizados pelos homens do período, entenderemos por que se importavam tanto em criarem a ilusão de terem estas prerrogativas em detrimento dos demais. Talvez seja interessante pensarmos em outra

ocasião nas implicações deste tipo de concepção nas relações estabelecidas entre estes homens e a feminilidade no período.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopedia Einaudi: Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Educação & Realidade. 20(2): 133-184. jul./dez. 1995.

CRUZ, Dilermando. *Bernardo Guimarães (perfil bio-biblio-literário)*. Juiz de Fora: Casa Azul, 1911.

DALCIN, Talita Bank. ‘Palmatoando’ as fontes: os usos dos castigos físicos em nome da disciplinarização e da ordem nas escolas paranaenses da segunda metade do século XIX. P.71-92. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *Educação e corpo na escola brasileira*. Campinas: Autores Associados, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Bernardo Guimarães: Literatura e crítica social no século XIX*. UFMG/PUC Rio, 2004. (relatório da tese de pós-doutorado).

FOUCAULT, M. *História da sexualidade, v.1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREUD, S. Edição *Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. *Totem e tabu*, vol. XIII, 1913;

_____. *Dostoievski e o parricídio*, vol. XXI, 1928;

_____. *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*, vol. XXIII, 1937.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Problematizando fontes em historia da educação. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.21, n.2, 99-120, Jul./Dez, 1996.

GAY, P. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Meninas na sala de aula: dilemas da escolarização feminina no século XIX. p.189- 212. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *A infância e sua educação – materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. & ZICA, Matheus da Cruz e. A literatura como fonte para a História da Infância: possibilidades, limites e algumas explorações. p.41-67. In: OLIVEIRA, Marcus Taborda de. (org.). *Coleção História da Educação – Cinco Estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KORIN, Daniel. Novas perspectivas de gênero em saúde. *Adolescência Latinoamericana*, Mar 2001, vol.2, no.2, p.67-79.

LACAN, J. *Nomes-do-pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da Educação e Literatura: algumas idéias e notas. p.29-34. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, FaE UFMG, n.27, jul/98.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: Alfredo Veiga-Neto. (Org.). *Crítica pós-estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995, v. , p. 83-108.

_____. A construção escolar das diferenças. p.57-87. In: *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. A formação do cidadão virtuoso. História de um projeto de escolarização de meninos. In: Rogério Fernandes; Áurea Adão. (Org.). *Leitura e escrita em Portugal e no Brasil. 1500-1970*. Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998, v. 3, p. 167-176.

MAGALHÃES, Basílio de. *Bernardo Guimarães* (esboço crítico). Rio de Janeiro: Typographia do Anuário do Brasil, 1926.

NOLASCO, Sócrates. Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. P.29- 45. In: *Interfaces Brasil/Canadá*. V.1, n.3. Belo Horizonte: UFMG. ABECAN, 2003.

_____. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SCHPUN, Mônica R. *Masculinidades*. Santa Cruz do Sul: Boitempo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. P.71-101 In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre. V.20, n.2. jul/dez 1995.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. P.107-128. In: SCHPUN, Mônica R. *Masculinidades*. Santa Cruz do Sul: Boitempo, 2004.

FONTES¹⁴

GUIMARÃES, Bernardo. A Voz do Pagé. In: Cruz, Dilermano. *Bernardo Guimarães (Perfil bio-bibliográfico)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1914 (Peça apresentada em 1860)

_____. *O Ermitão de Muquém*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. (Primeira ed. 1869)

_____. *O Seminarista*. São Paulo: Ática, 1980. (Primeira ed. 1872)

_____. *O Garimpeiro*. São Paulo: Ática, 1980. (Primeira ed. 1872)

_____. *Histórias e Tradições da província de Minas Geraes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Primeira ed. 1872. Reunidas neste volume estão as seguintes histórias: ‘Jupira’, ‘A Filha do Fazendeiro’ e ‘A Cabeça de Tiradentes’)

_____. *Índio Affonso*. Rio de Janeiro: Garnier, sd. (Primeira ed. 1873)

_____. *Lendas e Romances*. Rio de Janeiro: Garnier, sd. (Primeira ed. 1873. Reunidas neste volume estão as seguintes histórias: ‘Uma História de Quilombolas’, ‘A Garganta do Inferno’ e ‘A Dança dos Ossos’)

_____. *A escrava Isaura*. São Paulo: Ática, 1980. (Primeira ed. 1875)

_____. *Maurício ou Os Paulistas em São João D’El Rey*. Rio de Janeiro: F Briguiet & CIA, 1941. (Primeira ed. 1877)

_____. *Rosaura, a enjeitada*. São Paulo: Saraiva, 19???. 2 volumes (Primeira ed. 1883).

_____. *Poesia erótica e satírica (1852-1883)*. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (Org. Duda Machado).

¹⁴ As fontes estão organizadas de acordo com a ordem cronológica das suas primeiras edições.